



## APRESENTANDO SOCIOLOGIA PARA NÃO SOCIÓLOGOS: Perspectivas de ensino da disciplina em graduações no ensino superior

Rafael Ademir Oliveira de Andrade<sup>1</sup>

### Resumo

O presente relato de experiência tem como objetivo analisar as possibilidades de ensino de Sociologia e outras Ciências Sociais em cursos de graduação em uma Instituição de Ensino Superior na cidade de Porto Velho, estado de Rondônia. Para realizar tal objetivo, foram desenvolvidas as descrições do perfil do discente em sala de aula e o perfil formativo na educação básica; também foi analisada a estruturação e história do ensino das disciplinas nos cursos de graduação da instituição que já foram ministradas pelo autor. Por último, foi desenvolvida uma análise das possibilidades do ensino de Sociologia e Filosofia frente a tentativa dos aparelhos ideológicos sociais de normalizar, para a população em geral, a crise social. Enquanto relato de experiência, parte-se da reflexão científica sobre aspectos cotidianos e documentais da sala de aula em suas práxis pedagógicas, sendo esse o eixo norteador do trabalho.

**Palavras-chave:** Ensino de Sociologia. Graduação. Currículo.

## INTRODUCING SOCIOLOGY TO NON-SOCIOLOGISTS: Perspectives of teaching the discipline in undergraduate courses in higher education

### Abstract

This experience report has as objective an analysis of the possibilities of teaching Sociology and other Social Sciences in undergraduate courses in an institution of higher education in the city of Porto Velho, state of Rondônia. To accomplish this objective, descriptions of the student profile in the classroom and the formative profile in basic education were developed; the structuring and history of the teaching of these disciplines in the institution's undergraduate courses that were already taught by the author were also analyzed. Finally, an analysis was made of the possibilities of teaching Sociology and Philosophy faced with the attempt by the social ideological instruments to normalize the social crisis for the general population. While an experience report, it originates with the scientific reflection on daily and documentary aspects of the classroom in its pedagogical praxes, being this the guiding axis of this work.

**Keywords:** Sociology Teaching. Undergraduate Education. Curriculum.

<sup>1</sup> Cientista Social, Pedagogo e Mestre em Educação. Coordenador do curso de Ciências Sociais e professor de Sociologia no Centro Universitário São Lucas. *E-mail:* [profrafaelsocio@gmail.com](mailto:profrafaelsocio@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Esse relato de experiência fundamenta-se na observação direta da sala de aula, dos processos formativos e outros aspectos que perpassam a prática do professor de Sociologia e/ou outros saberes que estão relacionados à mesma. Assim, o objetivo deste relato é evidenciar a importância do ensino da Sociologia em cursos de graduação em uma instituição privada na cidade de (suprimido para o anonimato), estado de (suprimido) e sua capacidade de debater, orientar ou fundamentar análises sociais dos educandos, especialmente frente ao poder da opinião das massas, como aponta Ortega y Gasset (2002).

De forma sucinta, destacamos a marginalização da disciplina pelos discentes, sendo a Sociologia considerada como sem objetivo e sem aderência com as necessidades formativas profissionais ou até mesmo com a capacidade de interpretar a sociedade. Assim, passa a ter para o educando pouca ou quase nenhuma importância.

Também são analisadas as vicissitudes da Sociologia e outras disciplinas que trabalham a formação humana em suas diversas modalidades (presencial, semipresencial e a distância), ementas, materiais didáticos fundamentais e outros elementos da organização das mesmas. Nosso intuito é mostrar em que patamar se encontra a formação crítica e humana na instituição relatada, apontando para conexões com a realidade político-cultural em que vivemos atualmente, marcada pelo renascimento do conservadorismo da extrema direita.

Cabe destacar um aspecto da redação deste relato: a utilização de frases comuns ditas em sala de aula, algumas vezes da forma que os discentes normalmente fazem. Esta forma de escrita mais leve, sem uma ortodoxia acadêmica, se faz necessário para que o leitor tenha acesso a esse valor atribuído à disciplina de Sociologia, mediado pela escrita do docente que narra.

## O PERFIL DISCENTE E A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLOGIA

Iniciamos nossa discussão com o perfil do educando. Boa parte dos estudantes analisados é oriunda da classe média ou baixa e com pouco acesso à cultura acadêmica. Confirmando aspectos da teoria de Pierre Bourdieu, destacados por Cláudio Nogueira e Maria Alice Nogueira (2002), estes indivíduos em geral atribuem maior valor simbólico ao trabalho (seus empregos) do que ao investimento intelectual, vendo na ação remunerada a possibilidade efetiva de mobilidade dentro das classes sociais econômicas.

Assim, a maioria dos alunos compreende a graduação como uma forma de acessar vagas no mercado, tanto no setor público quanto no privado. Mais recentemente, dentro da lógica do empreendedorismo enquanto solução para a crescente redução das vagas de emprego. Na lógica do capitalismo internacional, o trabalhador é culpabilizado pelo desemprego e suas consequências. (FORRESTER, 1997).

Discursos como empregabilidade e empreendedorismo surgem como possibilidades de superação dos altos índices de desemprego sem que, em hipótese alguma, estabeleça uma crítica à organização e distribuição das benesses da produção capitalista.

Assim, reproduzimos aqui neste relato a questão fundamental da perspectiva exposta por muitos alunos: na hora de acessar uma vaga de emprego ou de prestar concurso público, qual o papel efetivo da Sociologia e suas reflexões desnaturalizantes? O primeiro desafio que tive de enfrentar enquanto professor de Sociologia foi o de “convencer” os estudantes de que a Sociologia não só garante uma reflexão crítica da estrutura e funcionamento da sociedade mas também possibilita certas habilidades para a inserção efetiva no mercado de trabalho.

Iniciei minhas atividades como professor na educação superior no ano de 2013 e já no segundo período do mesmo ano escrevi um texto de apresentação da disciplina relacionando a Sociologia com o mercado de trabalho especialmente no que concerne aos novos modelos de produção. A ideia fundamental é aproximar o educando com reflexões políticas, históricas e culturais a partir do caminho que eles buscam no ensino superior: o mercado de trabalho.

O teor do texto girava em torno das mudanças das relações e formas do trabalho, passando pela produção em série do fordismo/taylorismo, pela produção ultra tecnológica das sociedades “pós-modernas”, que exigem um trabalhador antenado ao multiculturalismo e à gestão da diversidade nas organizações, mesmo que a contragosto das instituições e dos aparelhos ideológicos do capitalismo internacional.

Nesse ponto, destaco o avanço do conservadorismo político-cultural e de sua ideologia nas instituições sociais. Percebe-se isso no golpe político de 2016 no Brasil, na eleição do empresário Donald Trump para presidente dos Estados Unidos da América; na desconstrução simbólica do pensamento de esquerda nas redes sociais e nos movimentos de massa; na ascensão midiática de candidatos e movimentos de massa conservadores violentos das diversas formas; na marcha neonazista nos Estados Unidos; no ataque a espaços religiosos de matriz africana no Brasil... Nesse contexto, um número crescente de educandos passa a contestar a capacidade crítica da Sociologia, colocando-a como instrumento ideológico da esquerda e, por isso, incapaz de explicar a realidade.

Assim, torna-se um imperativo repensar a ligação da Sociologia com a realidade social. No ano 2017, o ensino de Sociologia nessa instituição se orientou para uma ligação com “a prática social”, conceito que, para os educandos, significa mostrar números, fatos, ligações, notícias de jornais, vídeos das redes sociais e outras informações factuais e disponíveis em seus *smartphones*.

A discussão sobre o papel da mulher na lógica colonial e as influências desta lógica na estrutura social moderna, dentro das discussões interconectadas entre raça/gênero/classe social passa pelo crivo da dúvida na perspectiva dos educandos ao associarem tais discussões a uma ideologia da esquerda e não uma marca de fatos históricos e sociais.

A massa, orientada pela ideia da pós-verdade e por opiniões compartilhadas, parte do pressuposto de que não há machismo; que feminicídio é apenas um nome diferente para homicídio e, principalmente, que os contextos históricos de construção do Brasil foram superados, cabendo aos indivíduos superar as dificuldades sociais e vencer, o que significa internalizar os valores do capitalismo e ter capacidade de adquirir bens à revelia de suas necessidades.

É preciso apontar com gráficos, números, imagens, vídeos que as mulheres são mortas por seus companheiros, dentro de casa. E, mesmo assim, ouvem-se frases como: “mulher gosta de apanhar”, “homens morrem mais por violência do que mulheres e não existem leis específicas para homens”, dentre outras. Não é possível, ao menos neste relato, concluir se os debates desta natureza desenvolvidos em sala de aula são efetivos nas desconstruções de pensamentos gerais frente ao imperativo das redes sociais na construção de “opiniões verdadeiras” dos educandos, cabendo a necessidade de uma pesquisa que responda a essa pergunta.

Ainda sobre o perfil discente, o site *Qedu*<sup>2</sup> apresenta o coeficiente de aprendizado em português (leitura e interpretação de textos) e matemática (operações básicas e raciocínio lógico) de alunos da rede estadual e municipal. Ao chegar ao nono ano, 13% dos educandos possuem a competência mínima de matemática e 31% de português.

Esses dados mostram que quase dois terços dos educandos que adentram no ensino superior possuem uma capacidade limitada de interpretação de textos, competência fundamental para realizar leituras densas e análises sociológicas. Ainda sobre a formação do educando e a partir do site *Qedu*, o coeficiente de leitura e interpretação de texto dos alunos que terminam o ensino médio no estado de Rondônia é de 193,95, sendo o recomendado pelo IDEB é de 425 ao encerrar essa série do ensino básico.

Soma-se isso ao baixo número de professores formados em Ciências Sociais/Sociologia que atuam em sala de aula na educação básica. Entre 2012 e 2017 foram abertas apenas 11 vagas para

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.Qedu.org.br/estado/122-rondonia/aprendizado>>. Acesso em: 08 de junho de 2018.

atender toda a rede estadual de Rondônia. A ausência da disciplina no currículo do ensino médio representa uma lacuna grande na formação crítica dos estudantes.

Esses aspectos somam na construção da posição inferior da Sociologia e seus saberes no imaginário do educando. Assim, o educando confia em outras fontes na construção de suas perspectivas histórico-sociais; tem dificuldades formativas na educação básica e as possibilidades educativas da disciplina se tornam escassas ou dificultosas. Estas características se repetem não apenas no local onde são desenvolvidas essas reflexões, mas podem se configurar em elementos normais na história do ensino dessa disciplina.

## MUDANÇAS CURRICULARES E METODOLÓGICAS

O objetivo desta parte do relato é descrever a mudança curricular e metodológica da disciplina de Sociologia e outras que dialogam com saberes sociológicos ou que possuam em seu bojo discussões e metodologias que partem da análise sociológica.

Como já relatado, a primeira experiência (ANDRADE; TODA, 2017) em ensino de Sociologia se deu na modalidade semipresencial, no ano de 2013 e funcionando da seguinte maneira: dois encontros presenciais de duas horas e uma avaliação escrita de quatro horas, sendo as demais horas realizadas por mediação tecnológica. Este aspecto da disciplina rompeu com o aspecto formativo: o curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Rondônia, estava focado no ensino presencial da disciplina, especialmente para a educação básica. Entretanto, a compreensão era que a Sociologia, enquanto disciplina, tinha como objetivo romper com as naturalizações sociais e com essa perspectiva foram tratadas as horas presenciais e a distância.

Serão apresentados a seguir alguns apontamentos sobre o ensino de Sociologia na modalidade à distância ou mediada pela tecnologia:

Os alunos não participavam dos encontros presenciais, tendo a presença mínima, uma aula das duas presenciais. Plagiavam as atividades a distância e ao serem detectados era-lhes atribuída nota zero, causando alto índice de reprovação. Os alunos não dialogavam com o professor e eventualmente expunham suas críticas à modalidade e/ou à disciplina enquanto “algo inútil” para sua formação, apenas “uma forma de arrancar dinheiro”. O guia de estudos, escrito por um professor anterior, tinha falhas fundamentais no que tange ao ensino de Sociologia, sendo sua preocupação principal a história da Sociologia ao invés de debater aspectos do tecido social. Cabe ressaltar que o guia de estudos é o elemento didático que media pontos chave da disciplina. É por este que as atividades avaliativas, aulas presenciais, vídeos extras e avaliação escrita são

desenvolvidos. O guia de estudos tinha um capítulo dedicado à origem da Sociologia, três dedicados ao trabalho (na idade antiga, medieval e contemporânea) e um capítulo dedicado a cada um dos clássicos (Marx, Durkheim e Weber).

No ano 2014, reescrevi o guia de estudos, focando em outros temas: um capítulo introdutório intitulado “O que é Sociologia: História e teorias iniciais”; três capítulos com conceitos fundamentais dos clássicos Marx, Durkheim e Weber; um capítulo sobre intelectuais e sociedade a partir de Gramsci, Apple e Antônio Máximo; um capítulo sobre indústria cultural e sociedade, assim como as aplicações da cultura de massas e o poder; um capítulo sobre história e cultura afro-brasileira e indígena, além de uma perspectiva sobre o olhar do colonizador sobre tais culturas/raças. Assim, pelo menos do ponto de vista do guia de estudos, os debates que os educandos foram orientados a realizar tinham maior adesão à realidade social, falando de política, cultura de massas e racismo/etnocentrismo.

Com tais mudanças, algumas reflexões foram realizadas pelos educandos, resultando em um índice maior de aprovação na disciplina. Entretanto, os alunos em geral continuavam boicotando a disciplina e muitos reprovando sistematicamente. No ano 2015 a disciplina passou a ser ofertada de forma presencial para alguns cursos, como Ciências Contábeis e, posteriormente, Arquitetura e Urbanismo com o nome de Estudos Socioantropológicos. A disciplina possuía carga horária de 80 horas e a seguinte ementa:

Conceitos e princípios da sociologia e da antropologia. A evolução da humanidade: aspectos biológicos, sociais e culturais. Teoria antropológica. Teoria sociológica. Cultura e sociedade. Relações sociais: os indivíduos e os grupos sociais. A vida em sociedade: democracia, globalização e o desenvolvimento. Conflitos sociais. Estudos das relações étnico-raciais, cultura afro-brasileira e africana (Centro Universitário São Lucas. Projeto Político Pedagógico do Curso de Ciências Contábeis: 2015, p. 78).

A ementa generalista possibilitou o desenvolvimento de muitos debates que já estavam dispostos no ensino semipresencial, como cultura de massas, intelectuais e poder, racismo e etnocentrismo, além de debater questões como desigualdade social, violência de gênero, direitos humanos, religiosidades indígenas e africanas, dentre outras. Essas mudanças, do ponto de vista teórico e da modalidade de ensino, possibilitaram respostas quase automáticas com relação ao aprendizado dos educandos, além de debates presenciais onde se podiam expor as opiniões e impressões de educandos e do docente.

A partir do ano 2016, as disciplinas de formação humana – Ética, Filosofia, Antropologia e Sociologia – na modalidade semipresencial e Estudos Sócioantropológicos – na modalidade presencial – passaram por transformações de conteúdo e de metodologias. As disciplinas se

configuram da seguinte forma: Sociologia e Antropologia (para o curso de Arquitetura e Urbanismo), Sociologia das Organizações (para o curso de Ciências Contábeis), Sociologia Jurídica (para o curso de Direito) e Diversidade Humana (para os demais cursos da instituição).

A disciplina Diversidade Humana tem pontos positivos e problemáticos. Com apenas quarenta horas, a disciplina propõe debater assuntos inerentes à Filosofia, Sociologia e Antropologia, em seus fundamentos teóricos e objetos de análise, sendo inviável do ponto de vista didático. O ponto positivo são os diálogos intersaberes/metodologias que ocorriam na práxis em sala de aula. Saberes antropológicos eram utilizados em conjunto com saberes filosóficos no intuito de perceber as nuances de certos fenômenos sociais.

No ano 2017 a disciplina passou por reformulações e deixou de se basear em fundamentos de Sociologia, Antropologia e Filosofia para ter aspectos mais incisivos que serão analisados pela Sociologia e Antropologia:

Princípios da diversidade cultural e humana. Miscigenação étnico racial, diversidade cultural e sua influência na construção social e histórica do Brasil. História e Cultura afro-brasileira e indígena. Desigualdades que atingem historicamente grupos sociais, em especial: afrodescendentes e indígenas. As definições étnico-raciais e as políticas de ação afirmativa. Cidadania, valores éticos, inclusão e responsabilidade social. Fundamentos dos Direitos Humanos e sociedade. Relações Sociais e Integração com o meio ambiente. Políticas de educação ambiental e formação social. Sustentabilidade e cidadania (Centro Universitário São Lucas. Projeto Político Pedagógico do Curso de Administração, UNISL, 2016, p. 82).

Cabe ressaltar que, a partir dessa nova ementa, a carga horária aumentou de quarenta para oitenta horas, possibilitando maior tempo de contato com os educandos, sendo uma parte dessa carga horária desenvolvida com projetos, tais como escrita de jornal (em grupo), artigos científicos (em duplas) ou ensaios críticos (individualmente).

Desde a modalidade semipresencial, passando pela modalidade totalmente presencial até a volta do modelo semipresencial ou, mais recentemente, a distância, a Sociologia e seus saberes se encontram presentes nos trajetos formativos dos educandos, com sua potencialidade sendo aplicada em maior ou menor escala de acordo com as vicissitudes da sala de aula e do constructo educativo: currículos, docentes, discentes, gestores educacionais, dentre outros. Assim, independente da modalidade, a disciplina deve estar presente e buscar seus objetivos pedagógicos e políticos na formação dos educandos.

## POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS

Uma discussão fundamental se atrela ao pensamento de Theodor Adorno sobre a “educação em tempo de barbárie”. Ele menciona a ausência das relações humanitárias que levam às ações de extermínio e segregação de outros seres humanos (ADORNO, 1995) e como a educação pode orientar as sociedades para que outros genocídios como Auschwitz não voltem a ocorrer. Acredito no papel central da Sociologia e outras Ciências Humanas/Filosofias/Saberes na construção de uma sociedade para todos. Com o fim da ditadura militar no Brasil, começa-se a pensar a construção de uma sociedade democrática a partir do esforço popular, daquela parte da população que aprendeu a lutar por seus direitos enquanto os ditadores perdiam seu poder gradualmente, como por exemplo, nas eleições para governadores nos estados. Assim, pensava-se que a sociedade responderia à possibilidade de vivermos juntos em nossas diferenças, tendo as Ciências Sociais como aporte para os multi e interculturalismos étnicos, raciais e políticos.

Entretanto, embora tentemos resistir à barbárie, não podemos esquecer que pouco a pouco elementos do capital internacional e imperialista se fundamentam na precarização de direitos sociais e ambientais para o aumento efetivo do lucro. Transformam a crise em uma forma de alimentar as interações sociais que giram em torno do capital e na educação isso representa uma formação apenas para o trabalho.

Nessa perspectiva, compreendemos o interesse do capital em naturalizar o ódio. Diante da crise econômica e política, as forças conservadoras buscam passar às massas um sentido de normalidade e ensinam, nas escolas e faculdades, que a competição é algo saudável e que a meritocracia é justa. Verifica-se também um forte controle cultural e moral. Assim, quando Trump afirma que apenas a religião cristã deve ser ensinada nas escolas, ele ganha um apoio que vai além da crise econômica, é um apoio moral. O mesmo se pode dizer sobre o apoio das “bancadas da bala/rural/bancária” com a “bancada da bíblia” no Brasil: uma parte se certifica de lucrar com a crise e a outra de manter a massa calma, pois há uma “luta pela moral”.

É nesse contexto e a partir dos elementos curriculares e perfil discente que o ensino de Sociologia e outros saberes sociais são desenvolvidos na instituição em análise, refletindo sobre as possibilidades de crítica das crises sociais ao passo que há interesses em naturalizá-las.

Pelo que se pode concluir, mesmo com carga horária reduzida e com essa “onda conservadora” nas salas de aula é ainda mais necessário estabelecer debates críticos. O que a experiência em sala de aula diz é que as mulheres, negros, LGBTs e outras minorias conseguem debater as violências que sofrem por senti-las “na carne” e mesmo com o discurso da resistência enfraquecido pelo combate ao esquerdismo essas experiências se aproximam das teorias dialogadas pelo professor de Sociologia.

Para finalizar, afirmo que é preciso repensar o ensino de Sociologia e outras Ciências Humanas/Sociais frente à ascensão de velhos atores antes escondidos nos subsolos das cidades e do campo e se espera que as reflexões deste relato de experiência possam contribuir minimamente para o debate que não se encerra aqui, mas deve ir para os seminários, plenárias e especialmente para o cotidiano escolar.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz. In: *Palavras e sinais. Modelos críticos 2*. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

ANDRADE, Rafael Ademir Oliveira de, TODA, Daniela Tissuya Silva. Aprendizagem, Avaliação e Percepção dos educandos na disciplina Sociologia na modalidade semipresencial. *Revista Café com Sociologia*, Volume 06, n. 02, mai/jul, 2017.

BRASIL. *Qedu - Coeficiente de Aprendizado Rondônia na Prova Brasil 2015*. Disponível em <http://www.Qedu.org.br/estado/122-rondonia/aprendizado>, acessado em 29 de setembro de 2017.

CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO LUCAS. *Projeto Político Pedagógico do Curso de Administração*. Porto Velho: UNISL, 2016.

\_\_\_\_\_. *Projeto Político Pedagógico do Curso de Ciências Contábeis*. Porto Velho: UNISL, 2015.

FORRESTER, Liliane. *O Horror Econômico*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins, NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Revista Educação & Sociedade*, ano XXIII, no 78, abril/2002.

ORTEGA Y GASSET, José. *A Rebelião das Massas*. Tradução Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

*Recebido em: 22 de dezembro de 2017*

*Aceito em: 05 de março de 2018*